

educação Desatar o nó

A Marcha em Defesa da Educação Pública, realizada ontem em Brasília, provou que existe uma unanimidade no setor. Professores, pais, alunos, diretores de escolas, membros de organizações não governamentais concordam num ponto: falta qualidade ao ensino ministrado nas escolas públicas. A falha se deve, em grande parte, ao baixo salário dos professores.

Aí, entra-se num círculo vicioso histórico. Com a massificação do ensino ocorrida na década de 70, o governo perseguiu a meta de dar acesso à escola a todos os brasileiros. O importante era abrir as portas das salas de aula a crianças, jovens e adultos. Naquele momento, a qualidade não constituía preocupação. A sociedade se encarregaria de selecionar os melhores.

O Censo Escolar, cujos números preliminares foram publicados na semana passada, mostra que o Brasil vem obtendo êxito no caminho da universalização do ensino fundamental. Há mais alunos nas salas de aula, a evasão escolar diminuiu, aumentou o número de matrículas no nível médio, está se alargando o gargalo que estrangulava a passagem de estudantes para a quarta e quinta séries.

O resultado é animador. Revela que o país está vencendo uma batalha. Outras precisam ser enfrentadas. A escola pública não só tem que abrir vagas. Tem, também, que oferecer ensino de qualidade. É um passo adiante que implica qualificação da mão-de-obra, aperfeiçoamento do

material didático, melhoria nas condições de trabalho. E passa, necessariamente, pela revisão salarial do magistério.

Os baixos salários expulsaram os bons quadros para outros segmentos do mercado. Ficaram na educação os realmente vocacionados para o exercício do magistério, ou os que não tinham alternativa. Somem-se aos profissionais despreparados ou desmotivados a sobrecarga de trabalho necessária para compensar os vencimentos insuficientes, a má qualidade do material didático, o desprezo a bibliotecas e laboratórios e tem-se o retrato da escola pública e de grande parte das privadas.

A conta é alta. A sociedade, de um lado, recebe profissionais desqualificados, incapazes de fazer frente às exigências da economia globalizada. De outro, acolhe pessoas despreparadas para a vida. Ocorrem acidentes no trabalho porque os profissionais são incapazes de ler instruções de segurança. Aumenta o número de despreocupados com a transmissão da Aids porque, apesar das campanhas de prevenção, homens e mulheres não conseguem mudar o comportamento.

Nos últimos meses, acirrou-se o debate sobre o combate à miséria. Das discussões, uma conclusão fica cada vez mais clara. A pobreza é o mais urgente nó que o Brasil precisa desatar na virada de milênio. Nessa tarefa, não existe mágica. A receita é uma só — manter a estabilidade econômica e investir em educação. O resto é demagogia.